Crise e oportunidade

As possibilidades de um novo olhar sobre o mercado brasileiro de hoje

Lorena Muniz e Camila Marins

Um momento crítico, difícil e decisivo: assim é definida a palavra *crise*. Em junho de 2014, com a população indo às ruas em protesto a um modelo falido de governo, o Brasil viveu episódios que pareciam prever o nível de descontentamento sentido hoje pela população. Um ano depois, com uma aprovação de apenas 9% da sociedade, segundo o Ibope, a presidente Dilma Rousseff exerce o segundo mandato de seu governo com nível de reprovação histórica.

A crise enfrentada pelo Brasil passa ao largo da crise internacional surgida em 2008. Não há dúvidas de que ela tenha agravado a situação econômica brasileira, mas um dos primeiros indícios do momento de instabilidade vivido hoje foi a manutenção da política de nova matriz econômica praticada pelo governo Lula em seu segundo mandato, com Guido Mantega como ministro da Fazenda, e que se perpetuou nos governos Dilma. É o que pensa o mestre em Economia Rui Caldas, que considera não existir mais como negar a crise diante dos índices de desemprego, inflação e "descrença e desesperança por parte da população".

— Esta crise é mais moral e de credibilidade, do que por questões macroeconômicas.

A perda da credibilidade se conecta à sensação de "estelionato eleitoral", já que a presidente Dilma se elegeu com um plano político, mas governa com outro, o que a fez perder até mesmo o apoio de setores da esquerda. O doutor em História Social Rômulo Mattos considera o escândalo de corrupção da Petrobrás como um dos fatores responsáveis pelo estopim da crise. Para ele, a estatal faz parte de um imaginário brasileiro relacionado aos interesses nacionais, o que explica a revolta mais aguçada com esse escândalo do que com outros.

– A luta histórica do "O Petróleo é Nosso" foi um grande movimento de massas pela autonomia do Brasil. Quando o esquema da Petrobrás vem à tona, se torna um diferencial dentro do discurso da corrupção, porque mexe com todo o imaginário dos interesses nacionais.

Romulo Mattos, mestre em História Social e professor de História Política e Econômica do Brasil da PUC-Rio

Os escândalos, a perda de *status* do PT e a crise econômica culminaram para um cenário não favorável. Segundo dados do IBGE, no segundo trimestre de 2015, houve um aumento das taxas de desemprego: de 6,9% para 8,6%, comparado ao mesmo período do ano passado, o que representa uma diferença de 1,8 milhões de pessoas. Já o relatório Focus, produzido pelo Banco Central em pesquisa feita com mais de 100 instituições financeiras, indica que Produto Interno Bruto (PIB) sofrerá uma contração de 2,8% em 2015. Se confirmado, será o pior resultado em 25 anos. Em 2016, estima-se uma contração de 1%. No início de 2015, a previsão dos economistas era de uma expansão de 1,8% para a economia brasileira no ano que vem. Se as previsões forem confirmadas, será a primeira vez que o país registra dois anos seguidos de contração econômica.

Real X Dólar

O mineiro Rogério Donato cursa Publicidade no Rio e aluga seu apartamento no Leblon

Hoje, com a crise consumada, não é difícil pensar nos caminhos catastróficos que ela tende a seguir. Curiosamente, na medicina a palavra *crise* pode ser entendida como o ponto crítico em que uma doença segue para a melhora ou toma um desfecho fatal. O grande temor coletivo é de que o Brasil siga pelo segundo caminho, e não consiga se reerguer e retomar a representatividade econômica internacional que havia conquistado.

Pensar em crise como um fator negativo é quase instintivo, mas como em tudo na vida sempre há outros lados, e a crise não é exceção.

Um caminho diferente

Uma segunda curiosidade semântica circunda a palavra *crise*. Quando escrita em chinês, ela é composta por dois caracteres: um representa perigo e o outro oportunidade. É assim que alguns setores do mercado têm encarado o momento. Na contramão da crise, os segmentos de estética, alimentação e tecnologia têm despontado nas produções e investimentos privados.

Só em 2015, o ramo de beleza e estética, líder nas taxas positivas de desempenho, alavancou suas atividades em 160%. Já as empresas produtoras de alimentos e bebidas não cessam os investimentos e têm planos de crescer mais 10% este ano. Na área de tecnologia, empresas como o Google estão expandido seus escritórios. Em Belo Horizonte, o gigante da internet investiu cerca de R$ 30 milhões na ampliação de sua sede.

A expansão dos negócios tende a continuar, já que a demanda dos clientes por esses produtos também está em crescimento. A explicação é de que o mercado consumidor, em tempos de instabilidade financeira, prefere administrar as dívidas de curto prazo, como gastos em saúde, alimentação, aparência e atividades de interação social.

No entanto, é preciso saber aproveitar as oportunidades. Mesmo com a demanda em alta, sem estratégias pontuais, dificilmente grandes empresas sairão bem-sucedidas em seus empreendimentos. Para isso, os especialistas alertam: planejamento é fundamental.

Para além dos R$ 4,20

Se, por um lado, a desvalorização do real frente ao dólar e o consequente aumento da moeda americana carecem as importações e atravancam os planos de quem quer viajar para fora do Brasil, por outro, esse cenário econômico pode ser bastante positivo.

Com o dólar passando dos R$ 4, o número de turistas estrangeiros que vem ao Brasil não para de crescer. Só em março deste ano, segundo dados do Governo Federal, eles foram responsáveis por uma arrecadação de R$ 548 milhões, mais de R$ 10 milhões se comparado ao mesmo período do ano passado.

E não é só quem vem de fora que resolve gastar no país. As viagens domésticas já são responsáveis por 90% da economia do turismo. Dados da Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear) mostram que o número total de passageiros em voos domésticos chegou a 9,7 milhões em janeiro, o que representa uma alta de 12,5%. O aumento está diretamente relacionado à transferência do destino das viagens. As pessoas não

Gabriela Meirelles fundou o brechó on-line Le Garage

Página do Le Garage

deixaram de viajar, apenas optaram por viagens nacionais.

Tudo isso reflete no aquecimento de setores ligados ao turismo. Estima-se que houve um crescimento de 21% no lucro de hotéis e resorts. Restaurantes e bares também aumentaram suas receitas. Até mesmo o aluguel independente de quartos e apartamentos vem registrando altas. O mineiro Rogério Donato aluga seu apartamento no Leblon, zona sul do Rio, desde 2014. A média da diária varia de acordo com a época do ano, e gira entorno de R$ 300. Ele explica que a procura é grande, por ser bem localizado, mas que nos últimos meses o número de estrangeiros e turistas brasileiros aumentou.

— Como a moeda deles [estrangeiros] está valorizada, é barato viajar para cá. E também houve um aumento de hóspedes brasileiros, que me disseram ter alterado os planos de viagem, deixando de ir para fora e viajando pelo país mesmo.

Investindo no negócio próprio

Nos últimos meses, grandes empresas demitindo em massa seus funcionários se tornaram manchetes recorrentes dos noticiários. Em um ano, um milhão de vagas foram perdidas. Estaleiros de Niterói chegaram a demitir 5.500 trabalhadores. Segundo fontes não confirmadas, o grupo jornalístico Infoglobo, que engloba os jornais O Globo e Extra, demitiu até 400 profissionais neste ano. As demissões são reflexo da recessão econômica, que vem provocando mudanças estruturais no mercado de trabalho.

Com a onda de desemprego e a dificuldade em conseguir um novo, os brasileiros acharam no trabalho autônomo uma alternativa para a crise. Em agosto, 19,8% da população ativa se enquadrava nessa modalidade, o maior índice desde dezembro de 2006, segundo o IBGE. Isso equivale a 4,5 milhões de trabalhadores migrando para seu próprio negócio. Muitos partem para atividades ligadas ao comércio, como a revenda de cosméticos ou alimentos, enquanto outros arriscam e abrem seu próprio negócio.

Além disso, empresas voltadas para consertos de roupas e acessórios também vêm crescendo. Com os preços altos, se desfazer da blusa que caiu um botão ou do sapato um pouco desgastado se tornou desperdício. Em tempos de contenção de despesas como o atual, é preciso pensar duas vezes antes de jogar fora algo que ainda pode ser usado. Com isso, até mesmo os sapateiros estão voltando com toda força. A revenda de carros usados e o crescimento da venda de bicicletas, devido ao aumento do preço dos combustíveis, também são exemplos de negócios que conseguem crescer durante a crise.

Quando se fala em abrir um negócio no meio da crise pode parecer loucura porque os consumidores não estão pensando em comprar. No

entanto, nesses setores, a ideia é justamente controlar gastos e dar uma alternativa a quem precisa gastar menos. Do outro lado, quem entrou na lista das demissões, vê na criação de seu próprio negócio uma boa oportunidade para dar a volta por cima.

A estudante de Cinema Gabriela Meirelles desenvolveu, a partir de um evento que acontecia uma vez por ano, um brechó on-line que hoje tem mais de 15 mil membros, o Le Garage. Nele, as pessoas fazem o próprio comércio: vendem, compram e trocam roupas usadas em bom estado por um preço mais acessível que nas lojas. Assim como as empresas que consertam peças de vestuário, os brechós são uma oportunidade em tempos de crise, tanto para quem vende quanto para quem compra.

Nova forma de consumo: o *lowsumerism*

Gabriela acredita que o objetivo desse novo tipo de comércio é a promoção de novas formas de consumo, que respeitem mais o planeta.

— A ideia é fazer energia circular e promover novas formas de consumo que não as tradicionais, de modo a mudar a nossa relação com o que compramos e também como gastamos os recursos naturais e humanos.

Lowsumerism é uma junção das palavras *low*, que significa baixo, com *consumerism*, que significa consumismo. Dessa forma, "baixo-consumismo" significa reduzir drasticamente os gastos supérfluos. Esse termo vem sendo bastante utilizado quando se trata de mostrar outra perspectiva, baseada no fato de que os hábitos da sociedade de consumo destroem o planeta e a população. É preciso refletir e entender que esse pode ser o momento ideal para mudar o estilo de vida, pensar mais no planeta, no próximo e no todo. É a oportunidade de rever os conceitos do que é realmente necessário. Consciência coletiva, essa é a chave.

Perspectivas para o futuro

Mesmo em meio a dados negativos para o ano de 2015, especialistas seguem otimistas para o futuro, com previsões de queda dos juros e inflação dentro da meta. É o que indica pesquisas do Banco Central. Com uma meta que pode variar dois

Rui Caldas, coordenador do curso de Economia da Universidade Cândido Mendes

pontos percentuais para cima ou para baixo, a estimativa é de que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) caia para 5,87% em 2016, ficando dentro da meta central prevista de 4,5%. Hoje, a previsão é de que o IPCA feche 2015 em 9,46%. Já os juros não devem sofrer alterações em 2015, se mantendo estável no patamar de 14,25% ao ano. Para o fim de 2016, a estimativa é que ele sofra uma queda para 12,5% ao ano.

As previsões para 2017 ainda não foram feitas, mas o esperado pelo mercado é de que seja um ano de reaquecimento da economia. Para o economista Rui Caldas, o governo deve tomar a crise atual como lição e criar consciência da importância de políticas monetárias e fiscais responsáveis. Ele considera também que o debate sobre questões políticas e econômicas deve ser aberto à população, com o intuito de esclarecer a sociedade de seus direitos e obrigações. Caldas acredita nas atitudes empreendedoras como um "excelente caminho" individual e segue otimista na superação da crise enfrentada pelo país.

— Hoje temos uma base muito mais forte do que nas crises vividas anteriormente. Temos reservas, um parque industrial muito mais forte e tecnologicamente mais capaz e competitivo. Nós podemos e vamos superá-la.